



A CASA COMO LUGAR LITERÁRIO

in *Onde a terra se acaba e o mar começa*. Roteiro Museológico da Casa-Museu Afonso Lopes Vieira. Lugar Literário, CM-M^aGrande, mais centro-PORC, QREN, EU, ISBN: 978-972-98049-5-3

Cristina Nobre

Tudo q. é feio me adocece,
tudo q. é belo faz-me bem a mim.
Eu sou assim. Sim, mas parece,
q. é escandaloso ser-se assim!

Afonso Lopes Vieira, *Notas Diversas* (apud Nobre 2005, II: 370)

Manter vivo o património: a casa que está rezando ao mar...

A abertura da Casa-Museu Afonso Lopes Vieira [CMALV] ao público, em 8 de Julho de 2005, correspondeu à realização de um desejo muito antigo de revalidação e valorização do património cultural da região. Com as obras de restauro e conservação da CMALV concluídas em 2005, estabeleceu-se um novo marco na história deste património material, pois se iniciou um período de abertura ao usufruto cultural de um bem patrimonial que, por diversas razões, tinha estado vedado ao público.

A linha mestra da recuperação da Casa como espaço museológico, em 2005, foi a devolução, com rigor e fidelidade, a um estado original anterior, isto é, o tempo em que o seu proprietário, Afonso Lopes Vieira (1878-1946), habitava a casa e dispunha a orientação, a dinâmica e o enriquecimento do espaço com a sua sensibilidade de artista e eclético homem de cultura. Mas hoje, passados que são apenas 5 anos sobre essa data inaugural, não existem ilusões sobre a impossibilidade de regressar ao *tempo perdido* apenas através da materialidade espacial. É preciso encontrar outras vias — científicas e técnicas, talvez turísticas — para manter vivo o espaço museológico.

Efectivamente, a obra de Lopes Vieira aparece estreitamente ligada à praia de S. Pedro de Moel, pequena localidade situada a cerca de 10km da Marinha Grande, rudimentar estância balnear no final do século XIX, quando a família do escritor terá começado a frequentar o local. Se, como refere na conferência de 1940, “Passeio nas Minhas terras” (NDG 1942: 239-276), passou as primeiras férias em S. Pedro de Moel com apenas um ano de idade, isto é, desde 1879, é sabido que até ao Verão de 1945 nunca o escritor falhou uma única época de veraneio, embora por vezes entrecortasse os largos meses que iam de Abril ou Maio a Outubro ou

mesmo Novembro, com estadias na casa das Cortes (sobretudo durante a época das vindimas), com curtas viagens turísticas pelo país, ou mesmo com algumas deslocações mais demoradas pelo estrangeiro. S. Pedro de Moel vai aparecer assim como lugar de eleição e de culto, espaço propício à criação de uma obra e à sua íntima consagração, contrabalançando com Lisboa, palco para a recepção, divulgação e valorização públicas de uma estética florescida no ambiente fértil do lar marítimo.

Sobre a belíssima Casa de S. Pedro, deitada sobre a praia como nau ancorada, casa que suscitava então, como agora, a curiosidade dos amantes de exemplares arquitectónicos em perfeita simbiose de enquadramento com o meio, o escritor esclarecia:

E, como ainda há pessoas que supõem que a minha casa de S. Pedro de Moel foi construída por mim, recorro que ela está há um século na posse da minha família, posse que se alienou apenas durante alguns anos. (NDG 1942: 242)

Na realidade, Afonso Xavier Lopes Vieira, pai do escritor, ofereceu a casa ao filho como presente do casamento realizado em 20 de Abril de 1902 com Helena de Aboim. O jovem casal passou aí a lua-de-mel, numa concretização da premonição feita pelo poeta numa ode do primeiro livro publicado, *Para Quê?*, em clara evocação do seu amor pela casa e numa antevisão da centralidade deste espaço durante toda a vida e no processo de escrita. Leia-se o excerto referido e atente-se na belíssima imagem da casa metamorfoseada em caderno — com *brancura de papel* — onde apetece ir escrevendo:

[...] S. Pedro ao sol luzindo em suas casas caiadas,
Casas velhinhas todas com alpenduradas;
A capela no alto, com vidros de cores
E dentro ao fundo, olhando, a Senhora das Dores;
O Zé Lameiro, à tarde, olhando para o mar,
Emalhando uma rede p'ra lá ir pescar;
Raparigas queimadas do ar do mar, passando
Na estrada que lembrava uma cobra ondulando;
A nossa casa com craveiros nas janelas
E que frolidas e velhinhas eram elas!
E tinha ao sol uma brancura de papel,
Que linda casa para uma lua-de-mel! [...]

(PQ? 1897: 15-6)

Como uma premonição, a vida e a produção literária de Lopes Vieira criaram raízes no espaço da Casa que hoje é Museu, e o escritor deixou essa fusão bem evidente em vários passos da sua obra. Assim, as incipientes experiências jornalísticas, nos esboços manuscritos dos jornais *A Vespa* e *O Estudante*, tiveram a sua génese aqui, bem como o livro de versos idealizado com o título *Sete Estrelo* (Nobre, 1996, 2001, 2003). Em Coimbra, fez-se poeta e intuiu que o espaço da Casa de S. Pedro se ligaria à sua poética dos motivos marítimos. Em dois momentos chave do seu amadurecimento, deixa registo da essencialidade quase nuclear deste espaço no processo da sua produção poética e na sua oficina de escrita.

Em 1917, quando publica *Ilhas de Bruma*, faz do poema de abertura um manifesto programático que dá a ler os motivos recorrentes da sua poética — a literatura portuguesa e o mar:

Numa casa que está rezando ao Mar,
e tem Camões coroado
não de loiro celebrado
mas de espinhos a sangrar,
aí vivi, sonhei eu,
ao som do mar, que tangia:
os sonhos, ele m`os deu,
ditava, e eu escrevia.

[...]

(IB 1917: 5)

Em 1940, no derradeiro livro de poesia, *Onde a terra se acaba e o mar começa*, havia de repetir este desiderato até à exaustão, demonstrando na associação entre a casa e o motivo da *nau catrineta* um certo desalento, que havia de o minar progressivamente nos últimos anos da sua vida:

[...]

Onde a terra se acaba e o mar começa
há uma casa onde amei, sonhei, sofri;
encheu-se-me de brancas a cabeça
e, debruçado para o mar, envelheci...

Onde a terra se acaba e o mar começa
é a bruma, a ilha que o Desejo tem;
e ouço nos búzios, té que o som esmoreça,
novas da minha pátria — além, além!... (OTAMC 1940: 11)

Casa Catrineta,
desprende-te enfim do chão,
entra-me pelo mar
e lá ao largo vai naufragar
para ir ao fundo com o meu coração!

Oh! não poder arrancar-te do chão!
E, gageiro, embarcar
em ti, meter-te ao mar
para ir naufragar,
para ir ao fundo com o meu coração!... (OTAMC 1940: 86)

Na Casa, sobretudo na varanda, Lopes Vieira sonhou, ideou, escreveu, corrigiu, voltou a escrever, discutiu com os amigos, leu pela primeira vez os seus poemas recém-orquestrados ao hóspede ocasional, planeou novas acções culturais, entusiasmou-se com tertúlias, esqueceu-se de si, vislumbrou as ilhas utópicas dos seus sonhos de portugalidade.

Em 1929, ergueu o edifício da Capela, dedicada a N.^a Sr.^a de Fátima (hoje identificado como edifício 5), e planificou uma festa de inauguração que havia de juntar as obrigações religiosas e as artísticas com os amigos e a população local. O evento ficou registado para a posteridade num documentário filmado que sobreviveu até nós, como um dos primeiros testemunhos da casa como lugar de *peregrinações literárias*.

O percurso biográfico e a produção literária, bem como a acção cultural de Afonso Lopes Vieira, encontraram na Casa de S. Pedro o elemento material ideal para incorporar a visão estética e ética do escritor. Nesse sentido, a Casa não será nunca apenas um edifício, mas a projecção de um edifício enquanto obra potencial, provavelmente até o espécime bibliográfico mais rico, compósito e complexo, feito de estratos diferentes e de camadas sobrepostas. A morte de Afonso Lopes Vieira, em Janeiro de 1946, havia de estabilizar este processo de (re)construção da Casa, como uma entidade cuja vida parecia ter terminado.

O legado da Casa aos filhos da terra

Mas a função que lhe quis deixar para o futuro, acabou por contribuir não só para manter viva a Casa, como para lhe dar novos sentidos.

Incrustada na paisagem marítima e na tradição familiar de Lopes Vieira, a Casa alcançou foros de objecto estético permeável ao envolvimento afectivo do seu proprietário. Pelos anos fora esta casa cumpriu os papéis de local uterino privilegiado, onde a criação artística do poeta se desenvolveu harmoniosamente, e de centro de confluência de importantes personalidades da cultura portuguesa de então, numa abertura ao exterior, até se transformar, por vontade testamentária do proprietário (doação por sua morte ou morte da esposa), em Colónia Balnear infantil para os filhos dos operários vidreiros, bombeiros e trabalhadores das Matas Nacionais, função iniciada em 1 de Agosto de 1949 e que ainda hoje se mantém.

Assim, logo após a morte do escritor, por vontade da sua mulher, D. Helena de Aboim (que viria a falecer nove anos depois, em 1955), iniciaram-se as obras de adaptação para o actual edifício ², criando-se assim uma estrutura viva para receber as crianças da região.

Juntamente com o legado da biblioteca pessoal do escritor à cidade de Leiria, a decisão tinha-se tornado pública em 1939 — a sete anos da sua morte — e numa entrevista concedida ao *Diário de Lisboa* sobre a notícia, em 15 de Abril, Lopes Vieira procurou naturalizar esse acto de despojamento franciscano, ligando-o à falta (falha?) de uma descendência directa:

[...] É verdade; vou legá-la [a biblioteca herdada do tio-avô Rodrigues Cordeiro] à cidade de Leiria, mas o acto nada tem de heróico, de extraordinário...
— Um belo dom de poeta!...

¹ Este edifício é identificado actualmente por *Camaratas* e também recebeu um tratamento de restauro e renovação do mobiliário em 2005. Há notícias orais de que o projecto de adaptação a Colónia Balnear, de algumas casas de arrumo existentes, circundantes ao edifício 1 e ao 5, Casa e Capela, foi feito por Raul Lino, em 1948, mas não se encontrou até ao momento nem a planta, nem os planos dessa obra, que viria a resultar no edifício 5. A hipótese de que tenha sido Raul Lino o arquitecto responsável por esta adaptação / acrescento é perfeitamente plausível, dada a relação de amizade entre ele e ALV, que passou pela publicação de obras em conjunto (*Animais Nossos Amigos*, de 1911; *Bartolomeu Marinheiro* e *Canto Infantil*, de 1912, todas com ilustrações de RL) e pela utilização de azulejos na Casa de S. Pedro de nítida proveniência da escola do arquitecto.

- É um acto fácil, simples, de quem não tem filhos. [...] § [...] § [...] Quando as pessoas se despojam em vida, à franciscana, ainda se pode ter o prazer da oferenda. O que faço não passa dum franciscanismo de sétima classe..., creia!
[...]
- Vou para uma casa que já não me pertence. Leguei-a, mas como sanatório, aos filhos dos operários e dos pescadores da Marinha. Há muito sol ali, e todos se hão de curar, esquecendo o pobre padroeiro, na grande voz do mar!
- A voz de Portugal! (Anónimo 1939: 4)

A população da Marinha Grande, no dia 20 de Outubro de 1940, promoveu uma manifestação de agradecimento ao poeta, sob a forma de cortejo em que se incluíram cerca de quatro mil pessoas: os meninos das escolas primárias, a Escola Industrial, operários vidreiros, bombeiros, associações e colectividades, o Presidente da Câmara Municipal, o Administrador do Concelho, o representante das Matas Nacionais e da Nacional Fábrica de Vidros, entre outras individualidades. Uma homenagem que o *franciscanismo de sétima classe* de Lopes Vieira pode muito bem ter interpretado como a representação viva da *alma de Portugal* que a sua *figura literária* tinha crido corporizar.

A metamorfose do *ninho de artistas*: as camadas da Casa de S. Pedro

Se olharmos para a Casa do exterior, percebemos de imediato um objecto estético de culto.

Enquanto habitou a Casa, o escritor fez dela um verdadeiro estaleiro de experiências estéticas, decidido a transformá-la naquilo que descrevera ao seu amigo de infância, Artur Lobo de Campos, como um *ninho de artistas* (Nobre, 2001: 21). Preocupado com todos os pormenores estéticos da existência, ao ponto de fazer de si mesmo o mais cuidado exemplo da natural artificialidade de se apresentar em público — *esteta de si mesmo* (Nobre 2003a, 2005, 2005a) que não hesita em se fazer retratar por Eduardo Malta como um *aristocrata popular*, vestido com uma camisa de pescador da Nazaré mas de monóculo no perfil aristocrático, o derradeiro e *escandaloso esteta* — Afonso Lopes Vieira encontrou na casa o instrumento criativo mais longo e duradouro para fazer permanecer as suas idealizações artísticas. Em articulação com as várias fases da sua obra literária e em aproximação com os seus programas de acção cultural activa, foi colando à casa, como poemas na pedra, sinais inequívocos das suas opções estéticas, marcando assim o sucesso de algumas obras ou assinalando os motivos da sua predilecção.

A sua sensibilidade levava-o a rodear-se e a servir-se de todos os materiais que fossem portugueses, numa simbiose entre a sua *poiesis* e o seu entusiasmo com a decoração do lar. Assim, há todo um culto do artesanato português a par do aproveitamento dos materiais da natureza envolvente, na decoração do interior da Casa, desde os ferros de Coimbra e as cerâmicas das Caldas da Rainha, até às chitas de Alcobça e às flores, conchas e búzios da

praia, destroços trazidos pelo mar, objectos transformados pela natureza em arte, numa metamorfose sem fim. Os materiais são escolhidos em conexão com o lema *reaportuguesar Portugal, tornando-o europeu* (DG 1922), por isso não é de estranhar que o azulejo tenha sido sobejamente utilizado como cerâmica de revestimento decorativo da Casa, tanto no interior como no exterior.

Se o azulejo é hoje considerado uma das 'contribuições mais originais do génio dos portugueses para a cultura universal' (Henriques 2000), Lopes Vieira fê-lo ultrapassar em muito a mera função utilitária para o elevar ao estatuto de intervenção poética na arquitectura do seu *ninho de artistas*. Efectivamente o azulejo é um dos elementos que se destaca na decoração da Casa de S. Pedro de Moel, num processo lento de incorporação, nunca abandonado, antes constantemente acrescentado pelo escritor ao longo da sua vida, na materialidade da alvenaria da *casa que está rezando ao mar*. O azulejo aparece destacado, como marca visível e privilegiada dos vários *arranjos* a que a casa foi submetida, contribuindo para esclarecer e ajudar a caracterizar os vários estratos de embelezamento do edifício, bem como a correspondência com as fases da criação literária, umas vezes como forma de eternizar uma efeméride ou o nascimento de uma nova obra literária, outras até de antecipar uma obra apenas em embrião ou de registar uma devoção religiosa ou mística.

Ao lado das pedras comemorativas da região, sob a forma de lápides de lioz, o azulejo cria uma harmonia superior na arquitectura da casa, uma harmonia de ordem estética, que a mão do seu criador quis gravar na casa como linhas de um poema arquitectónico e patrimonial que o futuro deverá saber ler. Nesse sentido, as próprias paredes da Casa aparecem como páginas em que o escritor inscreveu objectos da sua eleição, criando assim uma colecção de cerâmica de decoração única. A Casa não é, pois, apenas um edifício: ela é também o objecto mais rico da CMALV e constitui, em si mesma, uma colecção arquitectónica a estudar, um lugar literário que ainda está por interpretar.

Uma fatia desse estudo passa pela identificação dos vários estratos em que a Casa foi submetida a sucessivos *melhoramentos*, *arranjos* e *acrescentos*. Mas convém advertir que uma parte do estudo ficará soterrado na falta de documentação comprovativa e algumas ilações não passarão disso mesmo.

Uma das primeiras camadas deverá corresponder à data de 1902, data do casamento, a que se faz corresponder a fotografia das obras da casa, em que a varanda, tal como a herdámos, está a ser rasgada, ao mesmo tempo que se ergue o paredão frente ao mar. No entanto, não há uma confirmação oficial da datação da fotografia, pelo que esta primeira data não passa de uma simples conjectura. Podemos considerar esta etapa como o estrato zero, em que a Casa (e referimo-nos exclusivamente ao edifício 1) adquire a fisionomia exterior muito aproximada à que hoje temos.

No ano de 1909 uma fase importante de obras decorreu, tendo ficado registada na correspondência trocada com o seu amigo Artur Lobo de Campos (1884-1949). No Verão desse ano uma febre de renovação levou à colocação das ombreiras nas duas janelas exteriores da fachada poente (Nobre 2001: 21-23), do painel 'Camões de coroa de espinhos', no mesmo alçado (Nobre 1999: 300), e, por aproximação com a mesma fábrica de azulejos, a Arcolena, de Coimbra, muito provavelmente também o registo de N.^a Sr.^a do Monte, na parede sul interior do quarto de dormir. Lopes Vieira registava a sua devoção pelo escritor máximo da língua portuguesa, transformando-o em padroeiro da casa, bem como a devoção quase supersticiosa à Santa que lhe tinha servido de madrinha de baptismo, no distante ano de 1878, e que o acompanhou sempre ao longo da vida, até o guardar no jazigo do cemitério dos Prazeres, em Lisboa, onde estão os restos mortais do escritor (Nobre 2003: 93-95). As cercaduras da janela estão em estreita ligação com a obra produzida na época, misturando os motivos das rosas com as espigas de trigo, numa clara alusão ao livro *O Pão e as Rosas* (1908) e em tudo inspiradas nos frontispícios das suas obras da mesma época, como as *Rosas Bravas* (1911). Esta etapa deve ler-se como o estrato primeiro da transformação da Casa num *lugar literário*, através dos azulejos como revestimento de decoração.

Em 1916 encontra-se documentado o segundo estrato. Desta leva acrescentou o painel de azulejos da 'Nau Catrineta', no exterior, na fachada poente, por baixo da varanda, e as sobrepostas com as esferas armilares nas duas portas interiores da varanda, ao *estilo sebastianista* (Nobre 1999: 300-301). Aquilino Ribeiro estabeleceu a ligação com os emblemas marítimos da esfera armilar e da cruz de Cristo, do Convento de Tomar (Ribeiro, 1949: 292) e é bem provável que o Palácio de Sintra, onde existem os únicos exemplares em azulejo da esfera armilar (Pereira, 1991: 20), tenha servido de modelo ao escritor. Também estas remodelações se ligam intimamente à sua obra poética, sobretudo a *Ilhas de Bruma* (1917) e à temática marítima aí glosada, em que o motivo da *nau catrineta* aparece já, mas que irá continuar a ser glosado nas obras posteriores como *País lilás, desterro azul* (1922) e *Onde a terra se acaba e o mar começa* (1940). A partir de 1922, com o livro de ensaios *Em demanda do Graal*, a cruz de Cristo aparecerá como capa dos seus livros, numa harmonia evidente entre as suas escolhas gráficas e as opções de decoração arquitectónica. É aceitável que este estrato se estenda até 1918-1922, com a colocação dos vários azulejos com o *ex-libris* de Lopes Vieira, como selos colados estrategicamente nos limites exteriores da Casa (do muro Norte ao portão de entrada Sul, passando pelos dois portões de entrada do alçado nascente e centralizando-se na principal fachada poente), embora não se conheça a data efectiva da sua fabricação.

O terceiro estrato é de 1925-27, com a colocação das pedras com a inscrição das obras *Amadis* e *Diana* e a comemoração da visita de José Maria Rodrigues à Casa para participar no *labor camoniano* da edição nacional de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, de 1928. A Casa

continuava, como uma *nau no estaleiro*, sempre sujeita a novos arranjos (Nobre, 2005b: 195-6), fixando da forma mais definitiva possível – através da inscrição na pedra – a memória sobre a obra produzida.

O quinto estrato é de 1929, e com ele ergue-se de raiz um novo edifício adjacente à Casa: a Capela dedicada a N.^a Sr.^a de Fátima. Este estrato é tão mais interessante quanto representa uma simbiose de motivos marítimos com motivos religiosos, mas todos interpretados como emblemas de uma ideia de nacionalidade em construção. Se os três pastorinhos e a N.^a Sr.^a de Fátima correspondem a uma etapa de afirmação de religiosidade, depois aproveitado pela ideologia do estado Novo, essa simbologia religiosa foi aqui usada ao mesmo nível que as conchas ou a sobreposta da porta de entrada com a cruz de Cristo. Motivos de um *ethos* português naquilo que tinha de mais genuíno.

O sexto estrato é de 1935, com a colocação da pedra com a inscrição camoniana *Onde a terra se acaba e o mar começa*. Lopes Vieira antecipava com esta pedra o título da sua última obra de poesia, materializando na Casa o embrião da sua criatividade.

Uma tarefa de hoje, para o futuro

Uma das nossas primeiras obrigações como herdeiros deste património é contribuir para um inventário rigoroso, e de acordo com normas do Instituto Português de Museus [IPM], de todos os bens constituintes da CMALV. Na verdade, trata-se de uma tarefa árdua e morosa, a exigir mão-de-obra especializada e uma planificação detalhada para conseguir ser levada a bom termo.

Há muito que o IPM se vem batendo com disciplina e eficácia pela diminuição da subjectividade dos investigadores através da criação de instrumentos de trabalho padronizados capazes de satisfazer as exigências da partilha das informações à escala global. A criação das fichas matrizes, denominadas Matriz, destinadas ao registo e informatização para bases de dados, dos bens das instituições culturais, veio permitir aliar a investigação na área aos conhecimentos técnicos de ponta.

Assim, e enquanto não existirem os meios financeiros e materiais que permitam uma musealização completa da CMALV, este primeiro projecto tomou como objecto de análise cerca de meia centena de objectos de cerâmica de revestimento, lápides e decoração e procedeu à sua inventariação o mais completa possível. Resultou num trabalho conjunto e profícuo dos investigadores com os técnicos superiores da Câmara da Marinha Grande, materializado no presente Catálogo/ Guia. Partilhar com o público os resultados da pesquisa científica e técnica e abrir o estudo da Casa a todos quantos se sintam movidos pelas *nossas*

coisas, foi o nosso principal desejo. Que ele possa ser alargado no futuro próximo a um estudo do restante recheio da CMALV, é um projecto para o futuro.

Se o presente estudo contribuir para uma melhor, mais informada e mais rica leitura da CMALV terá cumprido o objectivo mais premente de todos: manter vivo o património, dando-o a conhecer e levando o público a amar os tesouros da cultura portuguesa, devolvendo-nos o que já era nosso, com a consciência de que todos somos responsáveis pelo futuro das nossas coisas. Para e por esse futuro, esperamos poder continuar a tarefa agora iniciada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Anónimo, 1939, "O Legado de um Poeta. A preciosa biblioteca de A. L. V. para a Cidade de Leiria; a sua casa de S. Pedro de Moel Sanatório dos Filhos dos Pescadores (entrevista)" in *Diário de Lisboa*, 15 de Abril de 1939.
- Henriques, Paulo, 1991 "Vue d'ensemble sur l'azulejo contemporain au Portugal" in *Azulejos*, Bélgica, Europalia 91: pp. 59-62.
- Henriques, Paulo (Dir. Museu Nacional do Azulejo) 2000 "Apresentação" in *A Arte do Azulejo em Portugal*. <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/exposicoes-virtuais/a-arte-do-azulejo-em-portugal.html>
- Herbert, David (2001) Literary Places, Tourism and the heritage experience in *Annuals of Tourism Research*, vol. 28, n.º 2, pp. 312-333.
- Lino, Raul, 1998 *Casas Portuguesas. Alguns apontamentos sobre o arquitectura das casas simples*, 9.ª ed. [1.ª ed., 1933], Lisboa, Cotovia.
- Nobre, Cristina, (1999b) "O espírito literário da Casa de S. Pedro" in *Actas do III Colóquio sobre a história de Leiria e da sua região*, II vol., Câmara Municipal de Leiria, Leiria, pp. 289-307.
- ____ (2001) edição de: ... *um longo ataque de melancolia mansa... Correspondência de Afonso Lopes Vieira para Artur Lobo de Campos (1909-1945)*, Câmara Municipal de Leiria, ed. Magno, Leiria.
- ____ (2003) *Passeio Sentimental de Afonso Lopes Vieira*, Rota dos Escritores do século XX, Câmaras Municipais de Leiria e Marinha Grande, Comissão de Coordenação da Região Centro, Coimbra.
- ____ (2003a) "Os Lugares da Escrita em Afonso Lopes Vieira" in *Lugares da Escrita. 22 Novembro 2003 / 22 Janeiro 2004*, Catálogo da Exposição da Rota dos Escritores do Séc. XX, Pavilhão Centro de Portugal, Coimbra, pp. 19-23.
- ____ (2003b) "Afonso Lopes Vieira: o esteta assumido" in *Afonso Lopes Vieira. In Memoriam*, Roteiro da exposição "O ano de todas as comemorações. 1878-2003", pela Casa Museu / Centro Cultural João Soares, Cortes, Junho, pp. 3-12.
- ____ (2003c) "Afonso Lopes Vieira. A Obra Publicada (Em livro e dispersa)" in Roteiro da exposição bibliográfica sobre Afonso Lopes Vieira — "O ano de todas as comemorações. 1878-2003", pela Casa Museu / Centro Cultural João Soares, Cortes, Outubro, pp. 3-32.
- ____ (2004) *Passeio nas terras de Afonso Lopes Vieira*, Roteiro Cultural, Região de Turismo Leiria-Fátima, Leiria, sd. [2004].
- ____ (2005) *Afonso Lopes Vieira. A Reescrita de Portugal*, vol. I e *Inéditos*, vol. II, col. temas portugueses, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2005.
- ____ (2005a) "O esteta de si-mesmo. Afonso Lopes Vieira" in *Revista Clube do Coleccionador*, CTT Correios de Portugal, Lisboa, Junho 2005, pp. 4-6.
- ____ (2007) *Fotobiografia. Afonso Lopes Vieira (1878-1946)*, Imagens & Letras, Leiria.
- Pereira, J. C. Branco, 1991 "L'azulejo au Portugal. Renouveau et permanence" in *Azulejos*, Bélgica, Europalia 91: pp. 19-29.

Ribeiro, Aquilino, [1949], "Afonso Lopes Vieira e a Evolução do seu Pensamento" in *Camões, Camilo, Eça e alguns mais [...]*, Lisboa, Liv. Bertrand: pp. 271-335.

Vieira, Afonso Lopes, 1897, [PQ?] *PARA QUÊ?*, Livro Escripto por Affonso Lopes-Vieira, ed. F. França Amado, Coimbra.

____ 1917, [IB] *ILHAS DE BRUMA*, of. de Francisco França Amado, Coimbra, 14 de Abril.

____ 1940, [OTAMC] *Onde a terra se acaba e o mar começa*, Liv. Bertrand, Lx.

____ 1942, [NDG] *NOVA DEMANDA DO GRAAL*, Liv. Bertrand, Lx.

____ 1944, "O MONUMENTO DE FRANCISCO RODRIGUES LÔBO" e "LÁPIDA CAMONEANA" in Livro do I Congresso das Actividades do Distrito de Leiria. 23 a 26 de Setembro de 1943, Obra subsidiada pelo Instituto para a Alta Cultura, Lx., pp. 38-40.

